



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11230 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

EDUCAÇÃO E MORTE: RITUAL FÚNEBRE COMO PROCESSO EDUCATIVO NA CULTURA TUPINAMBÁ (1613-1614)

Marinaldo Pantoja Pinheiro - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Mário Allan da Silva Lopes - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Maria do P. Socorro G. de S. Avelino de França - UEPA - Universidade do Estado do Pará

EDUCAÇÃO E MORTE: RITUAL FÚNEBRE COMO PROCESSO EDUCATIVO NA CULTURA TUPINAMBÁ (1613-1614)

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar o ritual de morte desenvolvido na cultura dos Tupinambás como processos educativos nos anos de 1613 a 1614. O recorte histórico justifica-se por ser o período de produção das crônicas do padre Yves d'Evreux, que deu origem a obra intitulada "Continuação da história das coisas memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614", publicado no Brasil em 1874 com o título "Viagem ao norte do Brasil: Feita nos anos de 1613 a 1614". Esta obra é a fonte principal de análise.

Pensar em processos educativos entre os povos Tupinambás voltados à morte, nos leva a repensar a própria compreensão de educação que povoam o imaginário social da maioria da população. Pois, quando se pensa em educação, muitos ainda se reportam à sala de aula, espaços da escrita por excelência, entretanto a educação está presente em todo o processo de formação de homens e mulheres.

A educação que tratamos aqui, não se limita ao espaço físico de sala de aula, mas a todos os espaços culturais, sendo um evento de aprendizado que se processa em espaços não escolares, denominada por Brandão (1987; 1986) como educação não escolar ou popular, por ocorrer no seio da cultura primitiva e moderna e em qualquer lugar.

A educação entre os primeiros habitantes da Amazônia, como na cultura dos Tupinambás que é o nosso objeto de estudo, estava plenamente conectada aos elementos

culturais, refletindo aprendizados de valores e costumes ancestrais, sobrevivência, cultos religiosos etc. Os espaços educativos estavam presentes em todos os ritos da sociedade, como por exemplo, os voltados à morte: a educação em torno da morte acompanhava os sujeitos durante toda a vida.

As atividades voltadas à morte, enquanto processos educativos, são desenvolvidas através de ritualização do cotidiano. Os rituais, para McLaren (1991, p. 70) são atividades sociais demarcadas pela repetição. Estão presentes em toda relação humana e se desenvolvem através de símbolos e gestos corporais: “a ritualização é um processo que envolve a encarnação de símbolos, conglomerados de símbolos, metáforas e paradigmas básicos através de gestos corporais formativos.” O ritual é marcado pela transmissão de valores culturais e a sua repetição assegura a fixação pela sociedade a quem se destina.

Método

O método é o caminho científico construído e trilhado pelo pesquisador para compreender o seu objeto ou sujeito de estudo. É um caminho inacabado, refletindo os desafios e complexidade das relações humanas. Brandão (2003, p. 34) afirma que esse caminho é feito “de escolhas [...] fundadas em um persistente desejo de decifração”. Para decifrar os complexos processos educativos presentes no ritual da morte das nações Tupinambás, optamos em percorrer o método científico fundamentado na História Cultural e na Micro História, valorizando fontes variadas e a história de pessoas subalternizadas pela historiografia tradicional. Buscamos perceber as tramas socioculturais de nativos da floresta, da maneira como o nativo foi visto pelo colonizador, e assim “explorar as experiências históricas de homens e mulheres cuja existência é tão frequentemente ignorada” (BURKE, 1992, p. 41).

Para Pesavento (2003, p. 09) “traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História, prestar atenção em elementos recorrentes e, talvez, relevar as diferenças entre os autores, o que, sem dúvida, é um risco.” Fonseca (2003, p. 54) aponta que Daniel Roche presta um importante trabalho a história da educação, à medida que a aproxima dos campos de investigação histórica e educacional, definindo os estudos de História Cultural como a investigação “dos comportamentos coletivos, das sensibilidades, das imaginações, dos gestos a partir de objetos precisos, tais como os livros e as instituições de sociabilidade” (FONSECA, 2003, p. 54).

Como o objeto de estudo é “o ritual da morte na cultura Tupinambá” que ocorreu no século XVII, enveredamos pela modalidade de estudo de cunho documental, tendo como fonte principal o diário de viagem de Evreux (2002). Cellard (2008, p.295) reitera a importância do documento escrito nas pesquisas históricas, com passados distantes:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da

atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

O documento escrito que foi selecionado é rico em informações e esclarecimentos sobre os Tupinambás, pois traz informações sobre o cotidiano e a cultura destes povos.

A fonte documental foi lida, depois extraídos os excertos textuais sobre o ritual fúnebre dos Tupinambás, e posteriormente analisados com base no aporte teórico, constituído por Brandão (2003; 1987; 1986); Cellard (2008); Burke (1992); Fernandes (1949); Fonseca (2003); McLaren (1991), Pesavento (2003); dentre outros.

O texto está dividido em quatro partes: na primeira, introdução, discutimos os principais conceitos como: educação, ritual e morte; na segunda, método, expomos a metodologia utilizada; na terceira, discussão e resultados, analisamos os documentos à luz das leituras que fundamentam a temática em estudo; e na quarta, conclusões, apresentamos as nossas impressões sobre este estudo.

Discussão e resultados

Os rituais são comuns em qualquer sociedade e possuem finalidades educativas. Entre a etnia Tupinambá, por exemplo, o ritual fúnebre, ou seja, o rito dedicado a despedida dos mortos tinha um papel educativo importante na organização da sociedade dos vivos, haja vista que o ritual de morte servia para acalantar os vivos e simbolicamente garantir a passagem para o plano espiritual, onde residiam os mortos.

Conforme Évrux (2009) quando um(a) Tupinambá estava prestes a falecer, todos os membros da tribo se reuniam ao redor do moribundo, tristes e chorosos. Quando este finalmente dá seu último suspiro, os indígenas começavam a gritar e gemer bem alto. Para Évreux (2009) esse sentimento é inocente, pois os indígenas nem se quer sabem se o espírito do falecido seguirá por um caminho de luz ou trevas. Vemos que a prática indígena é julgada e entendida a partir dos olhos cristão e europeu. Após isso, o principal da aldeia faz um discurso emocionado, lembrando todos os grandes feitos do falecido.

O ritual segue com o corpo sendo carregado e coberto por adornos, como penas. O corpo é enterrado em uma cova junto com diversos objetos considerados importantes para a caminhada do espírito do indígena: suas flechas, machados, facas; também enterram farinha, água, carne, peixes, entre outras coisas. Alguns também entregam outros objetos como adornos e pedras preciosas, pois acreditavam que o espírito poderia levar os presentes para seus entes queridos. Para os Tupinambá, os espíritos dos indígenas seguiriam para “além dos montes dos Andes, onde eles imaginam que todos vão após a morte” (ÉVREUX, 2009, p. 232).

Jean de Léry (2007) referindo-se ao ritual de morte que ocorria entre os Tupinambás da Baía de Guanabara, atual Rio de Janeiro, com quem teve contato por volta do ano de 1557,

destacava que esses indígenas, quando adoeciam ou sentiam dor, mostravam para outros indígenas ou para o próprio pajé, que sugavam a parte dolorida. Isso representava a retirada do mal daquele corpo e em alguns casos, nada mais era feito.

Isso não impedia a comunidade de continuar suas práticas cotidianas, inclusive de festejarem, regado a bebida e comida. De acordo com Jean de Léry (2007), o doente estava ciente de que nada poderia ser feito, nem motivos para se lamentar. Quando finalmente chegava o dia da partida, os festejos logo viravam momentos de gritaria e muito choro, como nos traz o viajante:

[...] converte-se a cantoria em súbito pranto e tal barulho fazem que se nos encontrarmos em uma aldeia onde tenha morrido alguém não nos será possível fechar os olhos para dormir. As mulheres sobretudo se exaltam nas lamentações e gritam tão alto que mais parecem cães ou lobos a uivarem. Berram umas, arrastando a voz: “morreu quem era tão valente e tantos prisioneiros nos dava a devorar!”. E outras replicam no mesmo tom: “era bom caçador e excelente pescador” (LÉRY, 2007, p. 246).

Pensar no ritual de morte, enquanto processo educativo, está para além da ação de simplesmente enterrar os mortos e encarar o fim da vida de alguém. É um processo de aprendizagem, onde os que ficam aprendem com aqueles que morrem. O ritual tem a função de destacar as virtudes e os valores primordiais do falecido, que são as mesmas virtudes e valores requeridos e valorizados pela sociedade tupinambá, como: valentia, respeito, proteção do grupo, habilidade com armas de caça e guerra, etc. Os jovens participam do ritual e esperam-se que assimilem os valores fundamentais para serem virtuosos e respeitados. As boas ações também são essenciais para a passagem do falecido para um lugar melhor. Aprendem no ritual que partimos como nascemos e deixamos como herança as memórias de suas existências.

As etapas de organização, execução e divulgação do ritual de morte entre os Tupinambás, perpassam por processos educativos demarcados por lamentação, pronunciamento em alta voz das virtuosidades do morto e demonstração de que a morte não representa o fim, e sim a passagem para outro plano, que para os Tupinambás seria além das montanhas dos Andes.

Educa-se os jovens a defenderem a sua comunidade, a sua cultura, sem medo e almejam formar indígenas valentes e guerreiros, pois a morte pode representar a honra e glória para os bons, ou a desonra e o esquecimento para os medrosos e maus guerreiros.

Percebe-se que no período colonial a morte tinha um significado muito mais profundo do que aparenta. Significava também um momento de recordação, de valorização do outro, do reencontro com seus antepassados e também da crença e da busca de uma vida que seguirá após a morte. Como mencionado no relato de d'Évreux (2009), os indígenas acreditavam que as almas de seus companheiros falecidos iriam para além dos Andes, onde encontrariam aqueles que vieram antes deles.

Nesse sentido, de acordo com Claudia Rodrigues e Maria Franco (2011), antes da introdução do cristianismo entre os povos originários (não somente os indígenas), acreditava-se que o ritual funerário objetivava uma boa travessia da alma. Isso pode ser percebido nas práticas dos Tupinambá relatados pelos viajantes europeus. De acordo com as autoras:

Esses ritos funerários objetivavam, ao mesmo tempo, apaziguar e conjurar a alma a fim de que ela partisse para o repouso. Acreditava-se que seu não cumprimento, segundo os costumes, poderia fazer que as almas não fossem aceitas pelos espíritos ou *manes* e ficassem errando sobre a Terra (RODRIGUES; FRANCO, 2011, p. 159).

Há muito que se aprender acerca desse ritual. Para Christiane Souza e Airle Souza (2019) o ritual de modo geral está relacionado ao modo que as pessoas se desenvolvem e agem no meio social. Para cada atividade realizada pelo ser humano, poderemos destacar e analisar diversos tipos de ritos acontecendo, onde há construção e troca de conhecimentos, práticas culturais e formas de responder perante as questões que se desenrolam na sociedade. Nesse sentido, para as autoras

[...] entende-se que a forma de ritualização de uma sociedade revela como essa sociedade se organiza e reorganiza diante das mudanças e como ela simboliza esses momentos. Portanto, pensar em ritual fúnebre é tratar do sofrimento psíquico, com sérias implicações para a saúde mental dos indivíduos e para a vida social (C. SOUZA; A. SOUZA, 2019, p. 01).

Odair Giralдин (2012) em seu texto “A morte, o morrer e o morto entre os Timbira”, aponta que para esses indígenas a morte também é um rito de passagem, que levará as almas para próximo dos seus semelhantes. Para o autor,

isso implica que a morte é compreendida como a mudança de perspectiva possível pela personificação a partir de um corpo outro. A morte não é, então, um fim, mas a passagem do sujeito para outra condição de sujeito (GIRALDIN, 2012, p. 3).

Compreende-se assim que o indígena não passará a um “não-ser”, mas sim se reerguerá como um novo ser, em outro plano de existência. Partindo disso, pode-se entender a importância de serem enterrados junto com os falecidos diversos objetos que eram importantes em vida. Nessa concepção, o *post mortem* representa a continuação de uma vida com significados, encontros e reencontros, aprendizagem e ensinamentos.

Conclusões

A sociedade Tupinambá mesmo com as interferências e trocas que existiram com os colonizadores, permaneceu com seus modos de viver, enraizando nessas terras saberes singulares da religiosidade, da floresta, dos rios, das artes, entre outros.

Os rituais de morte na cultura em estudo, perpassava pelos preparos de alimentos, entrega de presentes e artefatos para acompanharem os falecidos no pós-morte, dentre outros.

A morte nessa cultura pode representar uma nova possibilidade de viver e aprender. A

morte não significa o fim da vida, mas sim a prolongação dela, em um novo plano, onde as pessoas viverão com seus antepassados, aprendendo e se preparando para receber no futuro seus entes queridos.

De certo modo, mesmo com os escritos dos viajantes e todas as suas percepções, os europeus encaravam alguns modos de ser indígena como algo desorganizado, sem Deus, com práticas abomináveis. Essas maneiras de enxergar as etnias indígenas desencadearam uma série de preconceitos acerca da vida deles e que, hoje, ainda é reproduzida em várias partes do mundo.

Palavras-chave: Tupinambás. Ritual de morte. Colônia. Educação Indígena. Amazônia.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do número ao nome, do caso à pessoa, da solidão à partilha: alguns dilemas e alternativas da pesquisa na educação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Pergunta a Várias Mãos: A Experiência da Pesquisa no Trabalho do Educador**. [S.L.] Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 49^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. 3^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

ÉVREUX, Yves de. **Viagem ao Norte do Brasil: Feita nos anos de 1613 a 1614**. Tradução de César Augusto Marques. 3^a ed. São Paulo: Siciliano, 2002.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 43-75.

GIRALDIN, Odair. A morte, o morrer e o morto entre os Timbira. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 28, 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABA, 2012, p. 1-23. Disponível em:

[http://evento.abant.org.br/rba/28RBA/search.html?](http://evento.abant.org.br/rba/28RBA/search.html?cat=0&keys=A+morte%2C+o+morrer+e+o+morto+entre+os+Timbira)

[cat=0&keys=A+morte%2C+o+morrer+e+o+morto+entre+os+Timbira](http://evento.abant.org.br/rba/28RBA/search.html?cat=0&keys=A+morte%2C+o+morrer+e+o+morto+entre+os+Timbira). Acesso em: 16 mar. 2022.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet; bibliografia Paul Gaffarel; colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2007.

MCLAREN, Peter. **Ritual na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e**

gestos na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RODRIGUES, Claudia; FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (orgs.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 157-183.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Ritual Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. *In*: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.35, e.35412, 2019, p. 1-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRJL4J8xg>. Acesso em: 16 mar. 2022.